

CORACINI, M. J. (ORG). *IDENTIDADE & DISCURSO*. CAMPINAS: EDITORA DA UNICAMP: ARGOS EDITORA UNIVERSITÁRIA, 2003, 385 PÁGS.

Resenhado por: Francisco Vanderlei Costa

A obra *Identidade & discurso* apóia-se no arcabouço da Análise de Discurso Francesa e dos estudos de sujeito em Lacan. Junto à análise de discurso vem o estudo da identidade como um fator social e principalmente como algo híbrido, em formação e fragmentado, trazendo os estudos de Hall à superfície dos textos. Os estudos, organizados em artigos, analisam conflitos de identidade presentes no contato com a língua estrangeira, em ambientes de ensino e aprendizagem. O contexto de ensino é ampliado para além da sala de aula; os sujeitos do ensino podem ser alvos de ideologias presentes em identidades que não estão diretamente dentro do ambiente educacional, mas pela fragmentação dessas identidades as ideologias são trazidas para o local do ensino. A narrativa está presente em quase todas as análises, seja em forma de história de vida, seja em forma de depoimentos espontâneos.

Os autores são pesquisadores ligados à Universidade Estadual de Campinas-Unicamp, todos profissionais ou estudiosos que lidam com a aprendizagem da segunda língua, seja como professores formadores de professores, seja como pesquisadores de materiais didáticos utilizados nesse processo de ensino. A organizadora da coletânea é professora e pesquisadora da Unicamp.

O livro é dividido em quatro partes, com textos agrupados de acordo com o tema central a ser discutido, ou seja, estão na mesma parte textos que tenham em comum o estudo da identidade concentrada em um componente do processo do ensino de segunda língua. Por exemplo, o estudo da identidade de professores de segunda língua ou de como a identidade é representada no livro didático. O tema geral da obra é a identidade presente no discurso: o como, o onde e o porquê dessa identidade.

A primeira parte intitulada “Processos de subjetivação e identidade lingüístico-cultural” aborda o processo de constituição da subjetividade. Através da fragmentação e do hibridismo nessa constituição, o(a) falante está exposto a modificações de sua identidade no contato de sua língua com a língua do outro. O primeiro texto é um resgate da identidade de três professoras de línguas estrangeiras, que estão distantes de sua língua materna (materna com o mesmo sentido de primeira língua). São três professoras que ensinam língua estrangeira para alunos que estão aprendendo língua estrangeira. Elas estão trabalhando com o ensino de uma língua que, para elas e os alunos, é segunda língua. Para as professoras, já há uma terceira língua presente no processo de ensino. E para não perder a identidade constituída com a primeira língua, aflora a busca pela identidade como referência para não perder a origem.

No segundo texto, com base em um depoimento pessoal de uma nipo-brasileira, será mostrada a identidade dessa falante em conflito. Com a pergunta de ser brasileira ou japonesa, fica claro para essa pesquisadora que a sua identidade está entre duas línguas (ou três), às vezes direcionando para portadora de duas identidades e, às vezes, para nenhuma, sendo que a segunda perspectiva é determinante. O texto inicia uma discussão em torno de conceitos de língua materna e primeira língua e faz uma relação desses conceitos com o de língua estrangeira, nomeando-a como a língua do outro. Estando no meio desses conceitos, o sujeito pesquisado vê sua identidade em suspensão.

Com as respostas de alunos do ensino superior à pergunta “Se fosse possível, você escolheria outra língua? Por quê?”, o terceiro texto dessa parte procura mostrar as identidades que são construídas, quais línguas se sobressaem e por quê; e, principalmente, quais identidades estão por trás da escolha do(a) aluno(a), tanto em relação à língua materna (língua portuguesa) quanto em relação à língua estrangeira escolhida como resposta. O texto mostra a identidade por trás da língua, como fator determinante na escolha do(a) aluno(a).

Com o pressuposto de que um bom aprendiz de língua estrangeira é aquele(a) que obtém êxito no ensino, as escolas de língua estrangeira

procuram apresentá-los como exemplos para os outros aprendizes. No texto quatro, a análise mostra que há outro fator mais importante, no caso, a identidade trazida por essa nova língua. O aprendiz precisa se identificar com a segunda língua, nesse caso o inglês, para que o processo de aprendizagem seja mais eficaz. O falante pesquisado é um bem sucedido estudante de inglês, que se identifica completamente com o idioma que está sendo adquirido. Fechando essa parte, o quinto texto é um estudo da resistência do gaulês, falado em determinada região da França (Alta Bretanha), diante do francês. O francês é a língua do *status*, e o gaulês está principalmente ligado ao(a) falante mais pobre e de regiões rurais. Esse texto procura mostrar essa convivência e como o gaulês manteve-se vivo no decorrer do tempo.

Na segunda parte, denominada “Língua estrangeira e constituição de subjetividade”, a língua estrangeira e seu aprendizado são elementos que constituem o sujeito, tanto o(a) aluno(a) quanto o(a) professor(a). Fica explícita a relação identidade e ensino.

O primeiro texto é um estudo de como o não-eu deve ser tratado para ser um fator de desestruturação do sujeito, para em seguida esse ‘estrangeiro’ tornar-se parte do eu. Fala-se da posição do sujeito para adquirir uma língua diferente da sua primeira língua. Aparece o tratamento do outro e do eu no mesmo sujeito. O segundo texto mostra as mudanças de comportamento de um profissional de português como língua estrangeira, do início de sua carreira até o momento pesquisado. Essa mudança é explicada pelo profissional como advinda de conhecimentos teóricos em conjunto com a experiência adquirida. O texto procura mostrar as transformações que ocorreram na identidade do profissional e que se refletiram no ensino.

O texto seguinte estuda as identidades de dois diretores de uma grande empresa, falantes de línguas diferentes, apesar de cada um estudar a língua do outro. Entretanto, na hora da comunicação, eles preferem utilizar o inglês que não é língua materna de nenhum dos dois. A conclusão é que a identidade de um ficará fragilizada caso use a língua do outro. Como não conseguirá usar a língua (do outro) com a mesma desenvoltura do falante nativo, dará margem para correção, aumentando, portanto, o poder de um falante em relação ao outro. E, na empresa, ou no meio profissional,

essa assimetria pode não ser bem vista. Nesse texto, identidade, poder e linguagem se complementam na análise.

O quarto texto discute a língua francesa como língua estrangeira a ser aprendida, mostrando a identificação que professores mantêm com a língua francesa, com a França e com o povo francês. A identidade desses sujeitos é moldada por essa identificação. O último texto mostra sujeitos, aprendizes de inglês, que almejam a posse ‘total’ da língua estrangeira. Mesmo sendo um discurso contraditório, ele tem explicação nos dizeres das escolas de ensino de inglês. Ou seja, a venda desse discurso faz com que o(a) aluno(a) queira participar do processo de aprendizagem.

A terceira parte, “O(A) professor(a) de língua portuguesa entre perplexidades e desencantos”, dá prosseguimento ao tema identidade do(a) professor(a), agora de língua portuguesa, evidenciando os percalços que profissionais dessa área enfrentam no exercício de suas profissões.

No texto um, a identidade do professor de língua materna é analisada por meio de narrativas feitas por eles mesmos, sobre suas vidas profissionais. As narrativas, em um total de cinquenta, foram publicadas, e, só depois, coletadas para análise. Os profissionais mostram suas angústias diante do magistério e da falta de perspectiva para eles. O texto dois analisa a narrativa de uma professora, que deixa transparecer a constituição do sujeito-professor em dois pólos: o das dificuldades financeiras a que a classe está sujeita (esse pólo mereceu mais destaque na narrativa). O segundo pólo é uma tentativa de silenciar a marginalização social da classe, com intenção muito mais de chamar a atenção para essa realidade do que de detalhar fatos comprovando tal realidade.

No terceiro texto, a análise de alguns recortes do discurso dos professores mostra como uma nova identificação teórica de um(a) profissional não apaga sua existência histórica, quando resolve adotar um novo viés da identidade. Sendo assim, os cursos de atualização e de especialização de professores devem trabalhar com esse sujeito, sem querer que ele(ela) apague suas experiências anteriores. A análise centra-se na fragmentação do sujeito e na sua historicidade, contribuindo com os cursos voltados para o(a) profissional que lida com ensino de língua materna.

A identificação presente na “vacilação discursiva” que emerge pela ‘porosidade’ da língua é o objeto detalhado no último artigo dessa parte. Em uma mesma formação discursiva, aparecem pelo menos duas posições de sujeito. Assim, a autora alerta quanto aos trabalhos de formação de professores, como a história de cada sujeito deve e precisa ser encorajada, para que se possa perceber essa ambigüidade que faz parte naturalmente do sujeito. Trabalhando com ela, a mudança fica mais segura.

A última parte, “Interdiscurso e identidades”, analisa o material utilizado pelos professores e os materiais que servem de apoio para o ensino. Nessa parte, o discurso se mostra atravessado por outro discurso que influencia esses materiais, principalmente o livro didático. Discute-se também como a identidade construída pela mídia vai entrar na sala de aula, deixando aí a sua influência.

No texto um, os alunos do curso de Letras são questionados sobre a importância de se falar a língua inglesa. As respostas abrem brechas que são analisadas. No texto dois, a relação professor(a), como sujeito sócio-histórico, e sua posição diante do saber científico apresentado pelo livro didático, é a questão a ser tratada. Como esse sujeito repassa os conceitos contidos no livro, sem, no entanto, perceber que tais conceitos já passaram, no mínimo, pela sua apreciação (ou interpretação). Esse texto analisa a importância que o(a) professor(a) dá ao livro didático e ao saber científico e como ele(a) aplica isso na prática.

No texto seguinte, a autora introduz uma discussão em torno do conceito de transversalidade proposta pelos PCNs. Ela analisa como os temas transversais propostos estão se tornando uma disciplina e não parte de uma disciplina existente, como os PCNs propõem. Desse viés específico, a análise aborda a constituição da identidade do(a) professor(a) de língua inglesa. Discute o conflito gerado por um texto (PCN) criado pelo outro, mas que precisa (o texto) fazer parte do discurso do eu.

O livro didático (para as aulas de inglês) descreve a língua como homogênea e neutra, como se não houvesse conflito nas sociedades que falam a língua a ser aprendida (inglês). No quarto texto, a análise é feita sobre a relação livro didático e identidade representada nesse livro didático. Mostra que o livro didático apresenta somente identidades acríticas

e felizes, e que traz uma ideologia formadora de identidade.

No último texto, a análise concentra-se sobre o livro didático do ensino do francês como segunda língua (livro produzido na França). O texto apresenta a cultura francesa como uma realidade desejada, superior e civilizada, justificando, assim, o ensino do francês. Essa visão, se adquirida pelo(a) aprendiz, vai levá-lo(a) a acreditar que a cultura estrangeira é melhor que a sua. A análise mostra que o livro didático carrega não só o discurso pedagógico, mas o discurso econômico. O seu objetivo é vender o ensino.

A identidade com sua fragmentação e o hibridismo que faz parte da constituição dos sujeitos na modernidade tardia são os temas centrais da obra. Isso torna os textos atuais, não pelo assunto, mas pela forma com que eles são tratados. A fragmentação e o hibridismo que fazem parte da constituição da subjetividade, nesse momento sócio-histórico, merecem destaque nos estudos da linguagem, e os exemplos usados no decorrer dos artigos são esclarecedores para essa questão. Basta ver como as narrativas (principalmente as histórias de vida) estão presentes na linguagem que constitui as subjetividades heterogêneas nessa sociedade de modernidade tardia, na qual o eu constrói-se em relação ao outro; a identidade interage para construir-se como identidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Giddens, A. *As conseqüências da modernidade*. São Paulo, SP: Editora UNESP, 1991.
- Hall, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad. T. T. da Silva, G. L. Louro, Rio de Janeiro: DP&A, 2002.
- Silva, T. T. da. A produção social da identidade e da diferença. In: *Identidade e diferença*. A perspectiva dos estudos culturais. In: T. T. da Silva (org). Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.
- Thompson, J. B. *Ideologia e cultura moderna*. Teoria social crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.